

# **EFEITOS DO LEITE LONGA VIDA NO MERCADO DE SÃO PAULO**

*Sebastião Teixeira Gomes<sup>1</sup>*

## **1. INTRODUÇÃO**

Este documento representa a contribuição da Federação da Agricultura do Estado de São Paulo (FAESP), através de sua Comissão de Pecuária Leiteira e da Associação Brasileira dos Produtores de Leite B, para as discussões sobre os efeitos do leite longa vida no mercado de São Paulo. O tema é apresentado considerando dois aspectos: a) efeitos da redução do ICMS (conforme decreto n.º 40.266, de 11 de agosto de 1995) do leite longa vida na produção de leite do Estado de São Paulo e, b) efeitos da possível utilização do leite longa vida no Programa Campo-Cidade-Leite, da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. Em ambas abordagens serão analisados apenas os aspectos econômicos e sociais da questão.

Para o melhor entendimento do tema, a discussão, propriamente dita, é precedida de uma rápida análise das tendências do mercado do leite no mundo e da produção de leite do Brasil.

## **2. O LEITE NO MUNDO**

A partir do final dos anos 80 e na primeira metade dos anos 90 a produção mundial de leite está, praticamente, estagnada. Tal estagnação resulta de significativa queda na produção de leite da Europa e aumentos expressivos na produção de todos os outros continentes. No período de 1990-95 a taxa anual de crescimento da produção da América do Norte foi 1,42%, e da América do Sul, 3,22%. Enquanto isso, a produção de leite da Europa reduziu 3,20% ao ano.

---

<sup>1</sup> Professor Titular da Universidade Federal de Viçosa e consultor da EMBRAPA. Trabalho escrito em 29/08/95, solicitado pela FAESP-ABPLB.

Na América do Norte, especificamente nos Estados Unidos, dois outros aspectos do mercado do leite merecem ser destacados: a) o consumo de leite integral reduziu 3,33% ao ano, no período de 1974-91, enquanto o consumo de leite magro cresceu 5,74% ao ano e de leite desnatado, 4,23% ao ano e, b) praticamente todo o leite consumido nos EUA é fresco, pasteurizado e de excelente qualidade. Em outras palavras, praticamente não se consome, nos EUA, leite em pó e leite longa vida.

A análise do mercado de leite americano dá uma boa idéia das perspectivas do mercado brasileiro, na hipótese do País seguir o caminho do desenvolvimento econômico e social. No longo prazo, o que deve prevalecer aqui também é o consumo de leite e derivados com menor teor de gordura, leite fresco pasteurizado de boa qualidade com maior vida de prateleira.

### **3. PRODUÇÃO DE LEITE NO BRASIL**

Qualquer análise que se faça da produção de leite do Brasil não pode deixar de considerar o longo período de intervenção do Governo no mercado, provocando enormes distorções em todos os elos da cadeia láctea. Tais distorções penalizaram o produtor especializado e favoreceram o leite de fronteira, que é produzido e transportado em condições que reduzem sua qualidade. Em consequência dessa intervenção a produção de leite do País aumentou mais nas regiões mais distantes dos centros de consumo. No período de 1980-91, enquanto a produção de leite do Estado de São Paulo cresceu apenas 0,65% ao ano, a de Minas Gerais cresceu 2,71% ao ano e a de Goiás cresceu 2,23% ao ano. Em Minas (produz 30% do leite do Brasil), a Mesorregião Triângulo/Alto Paranaíba produz atualmente 22% do leite do Estado, enquanto o Sul de Minas 18% e a Zona da Mata 12%. Esses números indicam que a produção de leite caminha para regiões de terras mais baratas, mais afastadas dos grandes centros de consumo, de pecuária pouco especializada para leite, num processo de alargamento de bacias leiteiras. Dois problemas decorrem dessa tendência: a) a incapacidade do Estado, nos níveis municipal, estadual e federal, de inspeção da qualidade do leite, provocou uma distorção na competição entre o leite de fronteira, de custo mais baixo porém de qualidade inferior, com o leite produzido mais próximo dos centros de consumo; b) a segmentação do mercado, quanto aos preços pagos ao produtor pelo leite cota-consumo, cota-indústria e excesso tem-se tornado muito débil

ou até inexistente. Novamente isso penaliza o produtor especializado e favorece ao conhecido safrista. Entretanto, não se pode deixar de registrar que além da intervenção do governo no mercado, parte da explicação das tendências descritas anteriormente tem muito a ver com a atuação da indústria laticinista.

#### **4. REDUÇÃO DO ICMS DO LEITE LONGA VIDA**

A redução da carga tributária de qualquer produto amplia sua capacidade de competição. Isso não é diferente para o caso do leite longa vida (leite produzido pelo processo UHT), que em igualdade de condições tem dificuldade de competir com o leite pasteurizado em razão do elevado custo de sua embalagem. Estima-se que a embalagem do leite longa vida (caixa tetra brik) chega a custar 900% mais que a embalagem de leite pasteurizado (saco plástico).

A taxa de crescimento do consumo de leite longa vida no Brasil é a mais expressiva de todo o setor leiteiro. No período de 1988 a 93, segundo dados da Sunab o leite longa vida cresceu, em média, 25% ao ano. Tal crescimento tem muito a ver com o mercado de São Paulo, que é o maior do País, mas tem pouco a ver com a produção de leite do Estado de São Paulo, onde existem as menores taxas de crescimento do Brasil. A conclusão é óbvia: o consumo do leite longa vida cresce mais em São Paulo com produto proveniente de outras regiões do País, ou até mesmo de outros Países. Atualmente, o abastecimento do leite longa vida da grande São Paulo é feito assim: 16% de leite produzido no Estado de São Paulo e 84% do leite produzido fora do Estado.

A combinação dos argumentos apresentados até então possibilita a conclusão que a recente redução do ICMS do leite longa vida decretada pelo governo do Estado de São Paulo não favoreceu ao produtor paulista, ao contrário o penalizou, na medida que cria mais condições para importações de leite longa vida proveniente de outros estados brasileiros e, até mesmo, de outros Países, como é o caso dos participantes do Mercosul.

O custo de produção de leite no Estado de São Paulo, quando comparado com o de outros Estados, em igualdade de condições tecnológicas é, naturalmente, mais elevado em razão dos maiores custos de oportunidade da terra e da mão-de-obra. Isso conduz a intensificação dos sistemas de produção, ao aumento da escala de produção e a maior possibilidade de adoção de práticas que conduzem a melhoria na qualidade do leite. Em

outras palavras, a evolução da economia agrícola empurra o leite paulista para o consumo fresco, pasteurizado e de boa qualidade. Aliás essa tendência já é uma realidade, há anos, em países desenvolvidos como os EUA. De acordo com esse raciocínio medidas governamentais que favoreçam outros tipos de leite e derivados contribuem para retardar esse processo histórico, que é inexorável. A idéia não é apostar na estagnação do País e sim em sua plena evolução de desenvolvimento econômico e social. O segredo da administração está em combinar, com equilíbrio, medidas cujos resultados são colhidos no curto prazo com outras no longo prazo.

## **5. LEITE LONGA VIDA NO PROGRAMA CIDADE-CAMPO**

Está em estudos na Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo a substituição do leite pasteurizado e ensacado pelo leite longa vida. Isso significa trocar o atual sistema de distribuição do leite, de Programa Campo-Cidade-Leite, de tíquetes para leite longa vida. Os efeitos dessa proposta não são desprezíveis e alguns deles serão discutidos a seguir.

O primeiro efeito dessa substituição é a ampliação do mercado do leite longa vida e a conseqüente redução do mercado do leite pasteurizado. Embora o mercado de São Paulo importe de outros Estados e de fora do País leite e derivados de vários tipos e marcas, relativamente a maior importância tem sido de leite longa vida, quando se compara o volume importado com a produção do Estado. Isso porque, o crescimento da venda do longa vida em São Paulo tem sido muito grande e o grosso da produção do Estado destina-se ao leite pasteurizado. Em outras palavras, o primeiro efeito da substituição do leite pasteurizado pelo longa vida é a substituição da origem do leite. Sendo o Programa da Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo essa medida é, no mínimo, contraditória. Ainda mais, se o próprio título do Programa é Campo-Cidade-Leite. Não se pode pensar de outra forma senão a de atender tanto a Cidade quanto ao Campo do Estado de São Paulo.

O segundo efeito da substituição do leite pasteurizado pelo longa vida no Programa Campo-Cidade-Leite diz respeito à missão educativa do Estado. Já é de conhecimento comum entre os que analisam o complexo agroindustrial do leite do Brasil, que o leite que chega ao consumidor, predominantemente, não é de boa qualidade. Esse problema não tem

maior rejeição do consumidor brasileiro, em razão do hábito de não se tomar leite puro e sim misturado com chocolate, café e outros produtos. Com certeza, à medida que o desenvolvimento econômico e social do País avança modificam-se os hábitos alimentares, ganhando mais importância o leite fresco pasteurizado de excelente qualidade. Não se pode deixar de repetir que essa foi a tendência de países desenvolvidos como EUA, Canadá e outros. Assim sendo, substituir o leite pasteurizado pelo leite longa vida, significa apostar na lentidão do desenvolvimento sócio-econômico do País.

O terceiro efeito da substituição do leite pasteurizado pelo longa vida, no programa Campo-Cidade-Leite é a mudança da estrutura dos mercados de fornecedores, de concorrencial para imperfeito. No caso do leite pasteurizado, muitas empresas laticinistas podem participar do Programa de modo democrático e concorrencial, o que não acontecerá com a distribuição direta do longa vida para as famílias carentes. A substituição do leite pasteurizado pelo longa vida significa também uma mudança na forma de operacionalizar o Programa, passando de distribuição periódica de tíquetes, que são trocados por leite, para a distribuição direta de caixinhas de leite. A condução do Programa através dos tíquetes dá oportunidade de escolha ao beneficiário, que poderá optar entre as várias marcas de leite, aquela de sua preferência. O importante é não tirar a soberania do consumidor de fazer sua opção. Aliás isso é também um processo educativo que o Estado não deve contrariar.

O quarto efeito da substituição do leite pasteurizado pelo longa vida, no Programa Campo-Cidade-Leite diz respeito ao custo do Programa. Em igualdade de condições, o leite longa vida é mais caro que o pasteurizado (especialmente o leite C) porque seu custo de embalagem é, em média, 10 vezes maior que o do leite pasteurizado. Na comparação dos preços do leite pasteurizado e longa vida deve-se trabalhar com preço de equilíbrio e não com preço reduzido, artificialmente, através de promoções de venda, prática comum no leite longa vida. Isto porque, com certeza o Governo do Estado não realizará todas as possíveis compras de longa vida com preços promocionais.

A soma e, principalmente, a interação dos quatro efeitos discutidos anteriormente não recomendam a substituição do leite pasteurizado pelo longa vida. Insistir nesse caminho é desconsiderar o interesse da grande maioria da cadeia agroindustrial do leite do Estado de São Paulo.